

Caminhos Cruzados entre Literatura e Linguística: Um Estudo Enunciativo da Obra “A Lei do Amor” | Fellyp Gabriel de Sousa Pereira | Ítalo Paraguassú de Sá e Ferreira | Claudiene Diniz da Silva

CAMINHOS CRUZADOS ENTRE LITERATURA E LINGUÍSTICA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA OBRA “A LEI DO AMOR”

CROSSED PATHWAYS BETWEEN LITERATURE AND LINGUISTIC: AN ENUNCIATIVE STUDY ABOUT THE BOOK “A LEI DO AMOR”

Fellyp Gabriel de Sousa PEREIRA *

Ítalo Paraguassú de Sá e FERREIRA **

Claudiene Diniz da SILVA ***

RESUMO: Este artigo se propõe a analisar numa perspectiva enunciativa, a obra da autora mexicana Laura Esquivel (1996), intitulada *A lei do amor*. Nosso objetivo principal é apontar as marcas de intersubjetividade presentes na obra. Para tanto, tomaremos por base os pressupostos teóricos enunciativos de Émile Benveniste, como também as contribuições Flores (2008). Após a seleção de trechos da obra que apresentam marcas da categoria de pessoa, que indica a presença de sujeitos no texto, fazemos uma análise dessas marcas, provando a existência de duas formas de intersubjetividade: uma entre os personagens e outra entre o autor e o leitor. Dessa forma, a análise proposta nesse artigo é dividida em duas partes: a primeira foca a intersubjetividade entre autor e leitor, mais recorrente na primeira parte do livro e a segunda entre os personagens da obra, que além de manterem diálogos entre si, comunicam-se com o leitor.

Palavras-chave: Enunciação. Literatura. Intersubjetividade.

ABSTRACT: This article aims to analyze enunciative perspective, the work of Mexican author Laura Esquivel (1996), titled *The law of love*. Our main goal is to show the marks of intersubjectivity in the present work. To do so, we will take based on the theoretical enunciation of Emile Benveniste, as well as contributions Flowers (2008). After the selection of excerpts from works that present brands in the category of person, which indicates the presence of subjects in the text, we analyze these brands, proving the existence of two forms of intersubjectivity: one between the characters and another between author and reader. Thus, the analysis proposed in this article is divided into two parts: the first focuses on intersubjectivity between author and reader, most recurrent in the first part of the book and the second between the character of the work, which besides keeping dialogues among themselves, communicate with the reader.

Keywords: Enunciation. Literature. Intersubjectivity.

* Graduando em Letras – Português na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: fellyp.gabrielsp@outlook.com.

** Bacharel em Direito — Facid. Especialista em Direito Civil e Processo Civil. Graduando em Letras - Português na Universidade Federal do Piauí (UFPI), E-mail: italoparaguassu21@hotmail.com.

*** Mestranda em Estudos Linguísticos do Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: diennedinniz@hotmail.com.

Introdução

A interface entre linguística e literatura é de grande relevância para os estudos de língua portuguesa e desmistifica a separação dessas duas áreas dentro dos cursos de letras que às vezes põe valor axiomático em um ou outro. O que nos propomos a fazer aqui neste artigo é uma análise linguística em uma obra literária, tentando mostrar quão frutífera pode ser essa relação entre literatura e linguística. Para realizar tal análise, adotaremos a Enunciação desenvolvida por Émile Benveniste (1995) e difundida no Brasil por Flores (2008).

O objetivo principal deste artigo é analisar a intersubjetividade entre leitor e livro criada dentro da obra e analisar também a apropriação da língua por parte dos personagens contribuindo para a criação da intersubjetividade.

Para alcançar o objetivo proposto, na primeira seção deste artigo apresentaremos a *noção de intersubjetividade* composta em Benveniste (1995) e Flores (2005) e as noções da *categoria de pessoa* para entender como essas relações linguísticas vão se imbricando dentro da obra. A segunda seção se dedica a apresentar traços e características da obra pertinentes para nossa análise. Em seguida, através de excertos da obra pretendemos mostrar as relações de intersubjetividade, para isso criamos um *corpus* formado por onze excertos tirados da obra, cinco referentes ao modo de usar o livro e os outros seis referentes às apropriações da língua pelos personagens.

A noção de subjetividade e intersubjetividade em Benveniste

Em consonância com Flores (2005) apoiado em Benveniste (1995) os quais nos falam que colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização no qual o sujeito enunciativo se marca resulta na enunciação. Sendo assim, o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar *o locutor* como condição necessária para enunciação. A noção de língua na ótica dessa perspectiva é entendida como um sistema de signos virtuais que antes da enunciação é só possibilidade de língua. O sujeito se apropria *do aparelho formal da língua*¹ e enuncia, ou seja, o homem se constitui como sujeito na linguagem e pela linguagem.

Conforme Benveniste (1995), quando temos “*ego que diz ego*” o *eu* (*enunciador*) tem como referente o próprio *eu* que enuncia essa possibilidade de língua e fundamenta a noção de subjetividade e intersubjetividade que se determina pelo status

linguístico da categoria de pessoa. O interessante de se observar é que esse EU (enunciador) propõe uma nova noção de pessoa como interlocutor, ou seja, um TU. Sendo assim:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será a minha alocação em *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu* (BENVENISTE, 1995 p. 286).

Em virtude disso, temos a *alternância de sujeitos no decorrer do discurso* que vai se transformando na enunciação e pela enunciação, formando assim, as categorias de pessoa *eu* e *tu*. Estas trocas de turno é um princípio básico para a criação da *intersubjetividade* entre os locutores e interlocutores utilizando a língua, esta sendo, segundo Benveniste (1995), “intersubjetiva” e “patrimônio imaterial” do indivíduo.

Em consonância com Benveniste (1995), as formas linguísticas *eu* e *tu* não devem ser tomadas como figuras, mas como formas que indicam pessoa. Benveniste (1995) complementa dizendo que entre os signos de uma língua, de qualquer tipo, época ou região que ela seja, não faltará jamais as duas categorias, ou seja, uma língua sem a categoria de pessoa é inconcebível.

Eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *le* designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos de instância de discurso, e que só tem referencia atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É por tanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua (BENVENISTE, 1995, p. 288).

A língua está organizada de tal maneira que permite o locutor apropriar-se da língua e se determinar como *eu*. É pertinente frisar que quando nos apropriamos de uma língua, nós não só nos apropriamos dela, senão também, do seu aparelho formal o qual contém a categoria de *espaço* e a categoria de *tempo*. Esse aparelho formal da enunciação do qual Benveniste (1995) se referiu pode ser didatizado, conforme Flores (2005), na fórmula (*eu, tu, aqui e agora*). Esta é a condição essencial para que haja a enunciação.

A categoria de pessoa na teoria da enunciação

O quadro da enunciação se dá, conforme explicitado na seção anterior, em *eu-tu-aqui-agora* que é relativo à língua em ação, sendo assim, a noção de pessoa é relativa ao verbo e aos pronomes pessoais. Contudo, Flores (2005) citando Benveniste (1995) nos

apresenta uma reflexão da categoria de pessoa com base na gramática árabe a qual apresenta a primeira pessoa como “*aquele que fala*”; segunda, “*aquele com quem se fala*”; terceira pessoa, como “*aquela que está ausente*”.

Benveniste (1995) opõem “a primeira” pessoa à “segunda” e à “terceira”, pois, segundo o autor, na instância das categorias da enunciação (eu, tu, aqui e agora), a terceira pessoa não participa do discurso, sendo esta, a não pessoa do discurso. Ele continua traçando as oposições, pois, *eu* é diferente de *tu*. Estes, conforme já foi dito, é variável e criado na enunciação e pela enunciação.

A categoria de pessoa na língua, segundo Flores (2005), é uma par indissociável, pois o eu só pode fazê-lo propondo um diferente, sendo assim, mesmo *eu* dizendo *eu*, diz *tu*. Essa proposição pressupõe que *eu* e *tu* são opositivos e ao mesmo tempo complementares. Benveniste (1995) citado em Flores (2005) apresenta duas características para a noção de pessoa.

A primeira é *unicidade*: *eu* e *tu* são sempre únicos, se renovam a cada situação enunciativa; segunda, *reversibilidade*, aponta também para o fato de que a situação enunciativa é sempre outra, sempre nova: se *tu* toma a palavra, já não é mais *tu*, e sim *eu*. O que se propunha como *eu* agora é *tu*; a relação é refeita, é nova, já não é mais a mesma (FLORES, 2005, p. 52).

Essa reversibilidade cria no discurso a noção de subjetividade a qual é necessária e anterior à noção de intersubjetividade. É com a tomada da palavra que se instaura a noção de subjetividade e conseqüentemente a de intersubjetividade, pois *eu* e *tu* são sempre previstos na enunciação.

Dada à impossibilidade de se dissociar *eu* e *tu* a noção de pessoa é apresentada sob a noção de intersubjetividade. Sendo assim, em uma situação enunciativa a língua é intersubjetiva e dentro da obra a lei do amor essa relação é observável e possível de análise sob uma ótica da teoria da enunciação.

A categoria da não-pessoa não entra no quadro da enunciação, porque a *ele* nunca pertencerá a enunciação pelo fato de ser a não-pessoa do discurso e no discurso há apenas dois pronomes para representar a categoria de pessoa, *eu* e *tu*. Podemos enfatizar o caráter semântico de *ele*, o qual pode se referir a um referente sexuado e assexuado, dessa maneira, a categoria da não pessoa está para o quadro da língua e não para o quadro da enunciação.

Uma viagem pelo romance A Lei Do Amor

O livro *A lei do amor* da autora latino-americana Laura Esquivel é a segunda obra da autora, a qual ficou conhecida pelo seu primeiro livro *Como água para chocolate*, que posteriormente foi adaptada para o cinema. *A lei do amor* possui uma peculiaridade em relação às outras obras da autora, pois é a primeira literatura multimídia da literatura hispano americana. O livro é multimodal, pois no decorrer da narrativa nós vamos ter trechos do livro que serão narrados por histórias em quadrinhos, sem diálogo e acompanhado pela música que a autora sugere enquanto contemplamos as imagens narrativas.

A obra é organizada não em formas de capítulos, mas em *epígrafes* que variam a forma (citação e poema) as quais a autora sugere lê-las com o plano de fundo musical. A obra se passa no século XXIII e apresenta características culturais e tecnológicas avançadas como um serviço de aerofone, equipamentos que conseguem ler pensamentos, plantas que demonstram sentimento e a possibilidade de trocar de corpo.

O interessante a se frisar na obra é o seu caráter espiritista, ou seja, a ideia de encarnação e desencarnação é muito viva dentro da obra e cria uma cronologia para situar o leitor do espaço e tempo enunciativo de seus personagens em determinadas vidas. Os personagens dentro da obra se apropriam da língua e com isso assume o seu espaço no mundo das possibilidades que é o texto literário.

A lei do amor vem acompanhada de um CD para acompanhar as imagens que antes de adentrar a história a autora dialoga com o leitor em um tópico intitulado como *modo de usar* no qual explica como o leitor deve utilizar o livro e "ler" as imagens. O romance tem sua base atrelada à literatura de massa e devido aos processos de comunicação, sua natureza é a de um *best-seller* fenômeno que após o seu estopim torna-se convencional.

Também chamado de "fábula do futuro" ou "fábula para adultos", a obra apresenta antíteses como anjo e demônios, tristeza e alegria e "é amando que se odeia". A autora faz uma análise das limitações humanas e nomeia os sofrimentos como um alicerce para a evolução da alma e do espírito.

A obra possui característica de um discurso espiritista, místico e ao mesmo tempo de ficção científicista, pois trata de temas como a reencarnação e a existência de anjos e demônios e por se passar em sua maioria no século XXIII e possuir a utilização de máquinas estranhas que leem pensamentos e vidas passadas.

A figura da mulher é vista na obra como uma heroína de origem nobre (no caso da protagonista Azucena) que nunca peca contra a lealdade, justificando seus fins pelos meios e pelo clássico final feliz. Sendo assim, as marcas de romances policiais com o uso constante de ganchos ao final de cada capítulo gerando expectativas no leitor.

O romance tem início com a conquista do México e com a exterminação dos Astecas pelos colonizadores espanhóis. Rodrigo (um colonizador europeu) se apaixona por uma linda índia Asteca chamada de Citlali, todavia devido a guerra entre os dois povos o amor dele por ela era impossível e fez nascer em Citlali um ódio em tudo de Rodrigo, o qual em toda oportunidade a estuprava na desculpa de que o seu amor por ela era grande e incontrolável. A destruição da pirâmide Asteca, que servia de "morada" da Deusa do Amor fez gerar nos personagens (Rodrigo e Citlali) uma maldição que os acompanharia por todas as vidas futuras com relação busca pelo Amor.

Azucena depois de uma noite de amor com sua alma gêmea, Rodrigo, o perde pelo fato de o mesmo ter sido acusado da morte do senhor Bush (candidato interplanetário opositor de Isabel). Rodrigo é levado para outro planeta no qual perde a memória e não se recorda da sua vida passada. Ela procura por Rodrigo de diversas maneiras e tem quase sempre um empecilho para achá-lo. A protagonista se depara com Isabel, a qual posteriormente é reconhecida como a mãe de Azucena e que quando mais nova tinha tido mandado matar a sua primeira filha por causa de uma maldição. Azucena é reconhecida com a filha de Isabel.

No final do livro vamos ter o julgamento de Isabel, o qual é marcado pela presença de arcanjos e demônios. A vilã Isabel é jugada e todos os seus crimes são revelados em virtude dos depoimentos de Azucena, Carmela (Irmã de Azucena e filha renegada por Isabel). Isabel se arrepende de todos os seus atos e crimes e é perdoada pela sua filha mais velha.

A intersubjetividade entre leitor e livro na obra A lei do amor

Esta pesquisa constitui-se de uma pesquisa bibliográfica na qual foi extraído no total de 11 excertos da obra em questão e analisadas segundo a perspectiva da enunciação explicitada nas primeiras seções deste artigo. Constitui-se também de uma pesquisa descritiva, exploratória com abordagem qualitativa cujas análises foram divididas em duas partes: a parte referente ao *modo de usar o livro* e *trechos da obra* que foram coletadas para serem analisadas. Na primeira parte foram analisados cinco

excertos e da segunda parte mais seis excertos da obra, no total de onze enunciados com as manifestações de subjetividade/intersubjetividade e da apropriação da língua por parte dos personagens.

Excertos

- (1) Como **você** deve ter notado, **este** livro vem acompanhado de um *compact disc* (p.1)
- (2) **Você** irá se perguntar também por que diabos **me** ocorreu essa ideia. Passo de imediato a explicar **minhas** razões (p.1).
- (3) No livro **você** vai encontrar partes em que a narração se dá por meio de histórias em quadrinhos, sem diálogo. **Nessas** partes **você** verá junto do texto um pequeno número que corresponde ao da faixa do CD (p.2).
- (4) Quando estiverem lendo **este** livro, de repente **vocês** darão com o anúncio que diz INTERVALO PARA DANÇAR. O que fazer **nessa** parte? Supõem-se que dançar, certo? Mas como **sei** muito bem que nem todos sabem dançar, **aqui** vão algumas sugestões, pois o ideal é que movimentem o corpo ao ritmo da música. Se não o fizerem, o capítulo seguinte poderá até parecer pesado e pode ser que **vocês** cheguem a dormir (p.4).
- (5) Se **você** entra nessa classificação, significa que é um dançarino de *closet* e que nega que gosta de música popular para não aceitar sua verdadeira origem (p.5).

Análise 1: Observa-se nos enunciados que existe um *eu* (enunciador) que por sua vez apropria-se da língua e, conseqüentemente, necessita de um *você* (enunciatário). Esse *você* ao qual o enunciador se refere é o leitor da obra. Essa capacidade de o locutor se propor como sujeito faz parte do princípio da subjetividade o qual é anterior a intersubjetividade, sendo esta, encontrada na relação com *você*. Essas relações encontradas nos excertos acima criam a intersubjetividade entre leitor e obra.

Dentre as categorias analisadas é perceptível também as marcas de subjetividades presente nos enunciados que podem se deixar ver através de pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e nos verbos como em *este* (01) e (04); *me* e *minhas* (02); *nessas* (03); *sei, aqui, nessa* (04). Essas marcas apresentam um locutor que enuncia e participa dessa enunciação utilizando-se de recursos dêiticos para mostrar o espaço enunciativo da obra uma certa aproximação com seu enunciatário e leitor. Vale ressaltar que como nessa parte da obra é uma explicação do modo de usar o livro, o

pronome *você* é muito recorrente nesses excertos, pois o texto o tempo todo chama atenção do leitor para as instruções que estão sendo transmitidas.

Excertos

- (6) (...) **Esperamos** que tudo ocorra bem, para benefício de encarnados e desencarnados. Mas **sei** que vai ser difícil. Para triunfar em sua missão, Azucena precisa de muita ajuda. **Eu**, como seu Anjo da Guarda que **sou**, **tenho** a obrigação de socorrê-la. (...) (p.24-25)
- (7) Ser demônio é uma enorme responsabilidade, mas ser Marmmon, o demônio de Isabel, é realmente uma bênção. Isabel González é a melhor aluna que já (**eu**) **tive** em milhões de anos. É a mais bela flor de mansuetude que já deram os campos do poder e da ambição. Sua alma entregou-se a **meus** conselhos sem receios, com profunda inocência. Toma **Minhas** sugestões por ordens iniludíveis e as leva a cabo no mesmo instante. Não se detém diante de nada nem ninguém. (p.70)
- (8) Não há maneira de os seres humanos aceitarem um raciocínio *a priori*. Têm de vivê-lo com plenitude. E quem lhes proporciona essas experiências? Os anjos da guarda? Não senhor, **nós**, os demônios. Graças ao **nosso** trabalho, o homem sofre. Graças às aprovações que os **fazemos** enfrentar, podem evoluir. E o que **recebemos** em troca? (p.71)
- (9) As ordens se transmitem verticalmente. E quem está no topo da pirâmide? Os governantes. E quem diz a eles o que têm de fazer? **Nós**, os demônios. E a **nós**, quem dita a linha de conduta? O príncipe das trevas, encarregado de fazer o ódio permanecer no universo. Sem Ódio não haveria destruição. E sem destruição — **repetirei** mil e uma vezes, até que aprendam — não há vida. (p.181-182)
- (10) Mais ainda, **eu**, Mammon, **existo** graças à autodestruição de Isabel. Isso **me** limita enormemente, mas significa que, se ela perdesse essa capacidade, **eu** automaticamente desapareceria de sua vida. E isso de fato seria muito triste. (p.184)
- (11) Nossa mãe! Lá vem **meu** Arcanjo da guarda. Era só o que **me** faltava! Sempre aparece quando **nosso** linha de comunicação está ocupada e quando **estou** fazendo cagada. Mas o que **estou** fazendo de errado? Quem está mijando fora do penico é Azucena, não **eu**. Ou sim? Como o que é em cima é embaixo, **eu** talvez já me tenha contagiado com sua tolice e esteja esperando que ela mude para que tudo se arrume, quando quem teria de mudar sou **eu**. Ai, caramba! E agora? (p.222).

Análise 2: Em (06) e (07) nós vamos ter um personagem se apropriando da língua e do seu aparelho formal. O anjo da guarda de Azucena se apropria da língua propondo-se como sujeito dentro da narrativa. O mesmo acontece em (07) que temos um demônio se apropriando da língua em forma da categoria de pessoa eu. Esses personagens não estão mantendo relações intersubjetivas dentro da narrativa, mas sim

com o leitor para o qual eles se dirigem criando assim, a intersubjetividade entre leitor e obra. O mesmo acontecerá nos trechos (08) e (09) em que o demônio termina o enunciado interrogando o leitor da obra e utilizando-se de um *nós*, porém, vale ressaltar que esse *nós* que é utilizado pelo personagem corresponde a um *eu estendido*, pois o personagem não só se inclui no discurso, como também, inclui a classe de todos os demônios no enunciado, uma espécie de *eu coletivo*. Em (10) nós vamos ter a típica apropriação do eu por parte do personagem, enunciando para seu interlocutor/leitor.

Em (11) nós teremos um exemplo mais peculiar. Partindo da ideia proposta por Benveniste (1995) que *ego* ao dizer *ego* diz *tu* nós vamos ter um excerto que um dos personagens, no caso, o personagem Teo da obra se apropria da língua, mas não enuncia para o leitor, e sim para ele mesmo. O típico monólogo do qual Benveniste (1995) se refere. O personagem se auto interroga e é observável o *eu*, ao dizer *eu*, diz *tu*. Vale ressaltar que nessas análises nós estamos sendo guiados pelos signos linguísticos que marcam subjetividade como, por exemplos os pronomes e verbos: *meu, me, nossa, eu, estou*.

Considerações finais

A autora utiliza-se de vários mecanismos para aproximar o leitor de sua obra tornando-a menos cansativa e mais interativa, meios como a utilização de um *compact disc*, figuras no meio da obra e uma linguagem acessível que conversa com o leitor, transforma a leitura, deixando-a menos cansativa e mais interativa. O espaço discursivo da obra é muito diverso e à frente da época do leitor (século XXI), sendo assim, a autora dá vozes aos personagens, os quais dialogam com o leitor e situam-no no espaço e tempo dentro da narrativa.

Com base nas análises feitas é possível verificar que a autora e/ou narradora tanto dialogou com leitor da obra como também fez com que os próprios personagens se apropriassem da língua, e, conseqüentemente, de seu aparelho formal, tornando a leitura mais didática e dialógica. Fazer o *eu* autora (narradora) e alguns personagens dialogar com o *tu* leitor (narratário) torna o livro mais didático e com uma leitura mais atrativa no que se diz respeito a prender o leitor, pois o torna mais íntimo da obra como se fizesse parte dela, constituindo assim, a intersubjetividade entre leitor e livro na obra. Foram observadas também tanto marcas de subjetividade nas análises como dêiticos. Como exemplo, com relação à subjetividade temos os pronomes pessoais e possessivos

de primeira pessoa e morfemas dentro dos itens lexicais verbais que representam a categoria de pessoa; como exemplos dos dêiticos temos os pronomes demonstrativos e advérbios de valores dêiticos.

Com este artigo visamos refletir o quão produtivo é fazer análises linguísticas dentro de uma obra literária e desmistificar as dicotomias que são criadas dentro dos cursos de letras e atualizar a visão dos alunos, os quais pensam que literatura e linguística não se misturam e isso é inverídico pensar, pois como vimos neste trabalho, é muito profícua a interface dessas duas áreas do conhecimento.

Referências

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

ESQUIVEL, LAURA. **A lei do amor**. Tradução Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 1996.

FLORES, V. N.; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

Notas:

¹ Entendemos aqui como aparelho formal da Enunciação as categorias de pessoa, espaço e tempo. Estas categorias são partes integrantes da língua e que todas as línguas, segundo Benveniste (1995), possuem o seu aparelho formal. O leitor deste artigo poderá recorrer ao livro Problemas de linguística geral II para se aprofundar neste assunto.

[Recebido: 10 set. 2013 / Aceito: 05 fev. 2014]